S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 21 de maio de 1910 — ANNO IV—NUMERO 32

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo da Sé n. 5 (sobrado)

Endereço telegraphico: LANTERNA

Apparece aos sabbados

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

Assignaturas para o Brazil
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior
ANNO . . . . 15$000
SEMESTRE . . . . 8$000

PAGAMENTO ADIANTADO

A instrucção religiosa na Hespanha

II

Cumprindo a promessa feita no artigo anterior, peço aos leitores me acompanhem, e depois de subir uma escada escura e ingreme, chamem a uma porta que dá entrada para um vestibulo escuro e sombrio.

Dirigindo a vista para uma porta aberta que communica com o salão principal da escola, deparam-se-nos uns sessenta meninos, qee, de joelhos nos bancos de escrever, dão graças a Deus e lhe pedem ajuda para que «aquillo que vão aprender lhes seja de proveito temporal e eterno».

Esta oração se repete quatro vezes ao dia, ou seja nas horas de entrada e saidas da aula.

Depois desta oração começa a formação de grupos, os quaes são em numero de dez e tirando cada um os seus livros começam a responder ás perguntas que o alumno mais adiantado, sentado no centro, lhes dirige.

Entremos, pois o mestre nos manda chamar, e ei-lo solicito a dar-nos as suas explicações com um tom em que se desenha a mais pura franqueza e ao mesmo tempo o sentimento de amor por seus pequenos alumnos.

Deixemo-lo occupado em seus afazeres, e corramos aos grupos, onde uns estudam a cartilha, outros lêem e aquelles outros com um livro minuslcuo parecem meditar em uma coisa que não comprehendem.

— Que livro é esse, menino?

— E' o catecismo, responde o interpellado; e accrescenta: Hoje é dia de doutrina e eu não estudei a lição em casa. Demais a lição de historia sagrada foi muito grande e complicada.

— Quantas vezes por semana estudam doutrina?

— Três, diz o menino, e além disso temos rosario aos sabbados á tarde e aos domingos missa á qual vamos com o mestre.

Continuemos a visita e olhemos para as paredes cheias de quadros e de mappas rasgados e sujos; além, as taboas e encerados, todos em um estado de abandono indescriptivel; o soalho sujo e as paredes immundas; os tinteiros de chumbo cheios de bolor e a tinta espalhada por toda a parte. Crianças que choram e meninos que estão de joelhos completam este quadro a que o abandono e o desleixo dão grande realce.

Numa das paredes atrás do estrado do professor, uma estante coberta de pó e com os vidros todos partidos ostenta em seu interior pesos e medidas de systema metrico decimal, com asas e argolas quebradas; tambem ha apparelhos de chimica e alguns mineraes, mas tudo em um estado de immundicia que mostra o pouco uso que se faz daquillo.

Voltando, olhemos de soslaio para a mesa do professor: um christo na cruz, um timbre e dois montes de livros — catecismos e historias sagradas, — junto com um tinteiro e uma carteira, tal é a mesa, á qual tem por companheira uma cadeira digna não de um professor, mas sim dum museu de antiguidades.

Para terminar ajuntemos um quadro do rei da Hespanha, numa parede lateral, e algumas teias de aranha nos cantos.

Tal é o quadro duma escola primaria na Hespanha, escola que tem muitas semelhantes, pois esta está na capital. Que será nas aldeias, onde só o padre manda e aonde nunca chegam os inspectores do ensino?

Diante disto quem não ha de lamentar essa nação que consente que os seus professores percam o tempo a ensinar *doutrina*, em quanto os alumnos carecem de livros, de tinteiros e pennas, e a escola se acha num estado de abandono tal?

Mas isso tudo não importa; o essencial é que os discipulos saibam de cór o catecismo e rezem o rosario aos sabbados e assistam á missa aos domingos em companhia do mestre.

Como nem todos os pais são conformes com esta ideia, de mandar as crianças á missa, os frades acharam um meio de conseguir do governo que obrigue os professores a cumprir um *dever* que vai contra as crenças dos pais.

No fundo, o intuito dos frades não é mau: criar christãos para depois os explorar; foi uma coisa que sempre esteve no seu programma. Quem é o culpado? O povo.

Se os seus filhos fossem, não á missa com o professor, pois isso compete ás mãis — mas sim visitar os museus de pintura, escultura e mineralogia e o professor lhes explicasse o significado dessas obras em que o artista reflecte as paginas da historia e a natureza, colheriam melhor resultado, pois o alumno ao mesmo tempo que se distrahiria num exercicio pedestre, salutar, ouviria com attenção as explicações dadas pelo professor, que pelo menos haviam de ser mais sãs que as do padre no pulpito, ao qual só sobe para prègar contra nós, que não fazemos outro mal senão desmascara-los.

O alumno vendo esses minerios arrancados das entranhas da terra, ficaria sabendo que ha uma legião de miseros obreiros que, expostos á morte, ao frio e ao calor, semi-nus e sem luz nem ar, buscam no seio da terra as riquezas que servem para enriquecer os despotas.

Far-lhe-ia lembrar que aquelles seres que tanto soffrem são semelhantes, que não commetteram outro crime senão o de serem pobres.

O alumno vendo os jardins com as suas variedades de plantas, ficaria conhecendo que, além do Atlantico, ha outras nações que progridem; ha selvas e bosques, donde as principaes plantas e madeiras que se consomem no globo são extrahidas.

Emfim, estes passeios seriam proveitosas, pois habilitariam alumno a conhecer os seus semelhantes.

Nada disto pensam os padres, que entendem que o alumno, rezando e sabendo a doutrina e ouvindo missa, está habilitado para caminhar pela difficultosa estrada da vida.

Qual é o resultado deste erro?

Ei-lo: uma nação fraca e doente; uma nação condemnada á morte pelos seus administradores, porque estes conhecendo o mal de que padece o povo se obstinam em não o cortar.

O resultado?

A perda de seus dominios, o seu retrocesso, a sua decadencia e a perda do primeiro posto que a esta desgraçada nação cabia na vanguarda do progresso universal. E' o lethargo de seus filhos, lethargo de que sairá quando o veu negro que se estende sobre a nação hespanhola e cujas pontas estão seguras pelas mãos infames dos jesuitas, haja desapparecido, queimado pelas fogueiras da vingança e pelo amor á liberdade.

Para comprehender o odio que mostro nos meus escriptos bastará dizer que sou hespanhol, que sei do que seria capaz este povo, se tivesse liberdade; que frequentei escolas como a que descrevi aqui, e finalmente que tenho viajado, e tive occasião de ver o que um povo é capaz de fazer, quando não encontra obstaculos ao seu desenvolvimento.

M. M.

Dinheiro predestinado

Sacrilegos gatunos penetraram com pé irreverente na cathedral de Campinas e desviaram em seu proveito varios valores e o conteudo de diversos cofres, entre os quaes o de Santo Antonio.

Aquillo estava mesmo destinado a ter mau fim...

E' estranho que os santos e deuses se tenham deixado esbulhar, tendo até fornecido ao gatuno ou gatunos uma lampada sagrada..

Esperamos que Santo Antonio, descobridor das coisas perdidas ou roubadas, repare agora o descuido... com o auxilio da policia...

O COMETA...



— Diz o sr. vigario que o mundo vai acabar e que é preciso darmos muitas esmolas para a igreja, afim de nos salvarmos...

Lanterna magica

Para Lourdes

Assim intitula uma folha catholica o seguinte suelto:

«Parte no dia 9 do corrente para Lourdes o nosso amigo e collaborador, sr. Francisco Prado, que vai implorar o restabelecimento de sua vista.

Fazemos votos para a felicidade de sua viagem e para que, do célebre Santuario, volte proclamando mais um milagre obtido por intercessão da Virgem de Lourdes.»

Que volte restabelecido, tambem nós lh'o desejamos sinceramente, apesar de adversarios; mas á cautela, seria bom que consultasse ao mesmo tempo um oculista célebre...

Dois seguros valem mais do que um...

Odio de padre...

De Portugal:

«Eloquentes respostas ao bispo de Beja: a camara municipal da cidade alentejana que tem como primeira autoridade ecclesiastica d. Sebastião de Vasconcellos elegeu, por unanimidade de votos, seu thesoureiro interino o padre Manuel Ançã, que aquelle caritativo prelado privou de todos os recursos que lhe advinham do ministerio sacerdotal. O mesmo padre, que não pode dizer missa durante dois annos, nem exercer nenhuma das suas ordens, tomou a seu cargo a agencia, em Beja, de uma companhia portuense de seguros, tendo lhe já promettido muitos lavradores do concelho segurar a suas searas na referida companhia, para assim coadjuvarem o presbytero odiado pelo bispo e que, de outra sorte, não alcançaria os meios de subsistencia.»

O odio de padre traz sympathias. O povo vai cada vez estimando mais os que o padre persegue ou detesta...

Padres uteis?

Da correspondencia de Portugal para o *Estado de S. Paulo*, publicada a 4 de março de 1909:

«Teferiram de Soure para Lisboa que no dia 10, que fora marcado para um casamento, o parocho, que o devia realizar fechou-se em casa, negando-se a comparecer na igreja. Emquanto os noivos aguardaram horas que o reverendo tomasse resolução diversa, expediu-se um telegramma ao bispo, para que tomasse as devidas providencias. Este, por sua vez, telegraphou ao parocho, que nenhum caso fez do telegramma. O povo, dirigindo-se então em massa a casa do administrador do concelho, pediu a esta autoridade que instasse junto do governador civil para que o parocho cumprisse o seu dever.

Como o teimoso sacerdote a nada se movesse, um magote, composto de mais de 800 populares, dirigiu-se a casa delle e obrigou-o a sair e a comparecer na igreja. onde, em vista da exaltação dos animos, se resolveu a mandar chamar o coadjutor, para celebrar a ceremonia. Como a multidão, realizado o enlace dos noivos, continuasse a mostrar-se hostil contra o parocho, este fechou-se no templo, de onde durante muito tempo não pôde sair, guardado á vista pelo povo. *Este sacerdote, já respondeu em cinco processos crimes e tem mais dois pendentes.*»

Este é outro que entra para o rol, não dos culpados, mas dos padres uteis. Tolos, os crentes. Trata-se duma mercadoria manifestamente avariada; o negociante não a quer, supponhamos que por capricho, servir ao publico, e este ainda protesta!

Como de costume

Do *Estado:*

CURITYBA, 16 — Communicam de S. Matheus que hoje o padre Smolucha incitou os colonos a aggredirem os redactores do jornal «Vislun.bre», devido a uma piada inoffensiva áquelle sacerdote.

O padre valeu-se do pulpito para fomentar a desordem.

A policia providenciou para o restabelecimento da calma naquella localidade.

E' o gesto mais habitual nos padres, em honra do Evangello...

Contra o pensamento livre

De uma carta de Louis Casabona, publicada no *Diario Popular* de 5 do corrente:

«Os clericaes belgas, hostis á França, a qual elles consideram o mais perigoso propagandista do livre pensamento, não se contentam com o querer impôr aos seus compatriotas o uso exclusivo de uma lingua que ninguem fala. Se o seu desejo se realizasse, se os belgas não se servissem senão do flamengo, é certo que as relações da Belgica com o resto do mundo soffreriam seriamente.

Sonham tambem em prohibir a entrada na Belgica dos jornaes francezes, sobrecarregando-os com um pesado imposto aduaneiro.

O interessante deputado que teve esta ideia, um tal Wauwermans, chegou mesmo a apresentar um projecto de lei a esse respeito. Bem entendido, teve o cuidado de não pôr em evidencia os verdadeiros motivos da sua proposição, que são o odio ao espirito de progresso e a paixão do obscurantismo.

Contentou-se em fundamentar o seu projecto na necessidade de exercer represalias contra a França, que entendeu dever elevar as suas tarifas sobre certos artigos fornecidos pela Belgica. Mas ninguem deixou de conhecer o verdadeiro fim. Tanto do lado da Belgica, como do da França partiram logo protestos indignados.

O ultimo partiu do *comité* da Associação dos Jornalistas Liberaes da Belgica. O referido *comité*, vendo que o projecto do sr. Wauwermans constituia uma verdadeira declaração de guerra ao pensamento estrangeiro, protestou contra qualquer medida qne visasse esse fim e «emittiu o voto de vêr a esquerda liberal da camara e do senado combater unanimemente e com a maior energia essa proposta que se reveste do mais pleno espirito reaccionario.»

O futuro dirá se esses protestos bastrão para impedir o attentado meditado pelos clericaes belgas. Afinal não é mau que esses apostolos nos revelem de tempos a tempos do que elles são capazes. Quando elles assim surgem, arvorados em campeões da liberdade, sabe-se como se lhes ha de responder.»



A manha

De uma folha clerical:

«Na propaganda da boa imprensa, como aliás em todas as grandes causas, a influencia da mulher é de um valor inapreciavel.

Se o homem, para ganhar um sorriso de mulher arrisca-se a mergulhar os arcanos do mar e se aprofunda nas entranhas da terra, para ali buscar a perola esquiva que se occulta e o ouro em cujo brilho as perolas se prendem, certo que se apressará em assignar uma folha que da mulher mereça as honras da leitura.»

Dominar por meio da mulher —é a velha tactica da Igreja.

O dedo de Deus

Do *Estado:*

ROMA, 9 — Telgrapham de Paola, na provincia de Cosenza, que a historica cathedral de fama mundial, por ser o santuario de São Francisco de Paola, foi em parte destruida por um incendio.

Numerosos objectos de arte de valor inestimavel e reliquias do santo podroeiro foram queimados.

Os prejuizos são avultadissimos.

Effeitos do cometa...

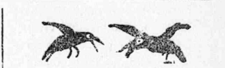


Fecho alegre

Era a festa de S. Lourenço, padroeiro da localidade, e o parocho, já conhecido pelas suas simplicidades, encarregou-se do sermão sobre o santo, cuja imagem, representando-o a assar-se na grelha, se via em frente do pulpito.

Para começar, o prègador fingiu aspirar com força um cheiro qualquer:

— Sinto um forte cheiro de carne assada... (*Aspira ruidosamente*)... Frango não é... vacca não pode ser... porco tampouco... Mas então (*voltando-se para o quadro do padroeiro*) és tu, celeste costelleta...



Da Campinas clerical

Quando a 12 do corrente o sr. Antonio Sarmento, no Club 24 de Fevereiro, em sessão publica commemorativa da abolição da escravatura, elucidava os assistentes sobre a historia do Lyceu de Artes e Officios existente no alto do Guanabara, fundado com o dinheiro do povo, por subscripção publica a que concorreram todas as classes sociaes e todos os credos religiosos; quando esse senhor profligava a conducta do sr. d. Nery, bispo de Campinas, que abusando da boa-fé de seus concidadãos entregára aquella instituição popular em seus fundamentos e que deveria ser popular em seus resultados (porquanto fora a sua fundação suggerida pelo numero de orfãos que a ultima epidemia produzira) aos padres salesianos que estão explorando a citada instituição duma maneira vergonhosa, não os movendo senão intuitos gananciosos e mercantis, levantou-se uma senhora que, chorando, declarou o que vai a seguir e que veio corroborar tudo que se tem dito a respeito do tal Lyceu:

"Sou uma pobre viuva e tenho um filho. Esse filho precisava ser educado de modo a fazer-se homem e a trabalhar para me servir de arrimo nos dias de minha velhice.

Mato-me de trabalho, mas é-me impossivel prover a todas as suas necessidades, sendo o trabalho da mulher tão mal recompensado.

Sendo assim procurei o sr. Bispo e rojei-me a seus pés, pedindo-lhe a sua valiosa protecção para internar meu filho no Lyceu de Artes e Officios. Elle me respondeu que nada tinha com o Lyceu, que nada mandava no Lyceu.

Cheia de desanimo ainda fui bater á porta do Lyceu. Informados, os padres, das minhas pretenções, perguntaram-me se o menino não teria um parente que pagasse 30$ mensaes, ao que respondi que não. Que estava na extrema necessidade e que não tinha quem me valesse. Que um meu parente tinha contribuido para a fundação do Lyceu, etc. Responderam que, visto não ter quem pagasse a pensão do menino não havia lugar para elle."

Esta senhora chama-se Maria Tavares Pereira.

O que ahi fica não precisa commentarios. Este e muitos outros casos vão pondo a nú os intuitos mercenarios que movem toda esta jesuitada vadia. Pagando pensão haveria lugar. Como nada podia pagar não teve entrada.

Notem que isto é uma instituição de caridade, (apregôa-se isso) subvencionada pelo Estado e que, ainda ha pouco tempo, recebeu 100 contos de reis em prestações de 25, de loterias do Rio. Isto por influencia de velho politico da terra.

Quanto ao bispo é estapafurdia, é imbecil a sua resposta. Elle que mete e nariz em tudo, que em tudo mexe e tudo resolve, inclusive nas repartições publicas, não tinha influencia nenhuma no Lyceu, instituição que elle teve nas mãos e com que presenteou os seus subordinados salesianos. Oh! santa humildade christã! Oh! santa mirifica hypocrisia! Oh! santissima poltronice da santissima charlatanice!

Isto é unicamente um trecho da bella paisagem jesuitica catholica que aqui se desenvolve, principalmente depois da chegada de "d. João Baptista Corrêa Nery, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica — Bispo de Campinas, Conde Romano, Prelado Dome-tico de S. Santidade e Assistente ao Solio Pontificio" e Companhia.

Vale mais o nome que as obras. Faz-nos lembrar aquella do cão que terrou no gato, que comeu o rato, que furou a parede...

Isto por hoje. Mas em artigos subsequentes eu darei notas muito interessantes sobre o movimento catholiqueiro e sua personagens nesta terra.

Campinas, 15—5—910.

DEMÓCRITO.

RELIGIÃO E CLERO

(Ao reverendo padre João Ravaioli)

VII

Por em quanto, pois, limitar-nos-emos a demonstrar com cabaes dados de facto que a ideia de Deus, não só não é *innata*, mas *nem sequer existe*, entre os povos menos evoluidos que vivem ainda num estado primitivo e selvagem. Entre elles, a unica forma de religião que se encontra consiste numa crença nos espiritos bons e maus da natureza, num principio de aoração ou de desprezo dos elementos do ar, da agua, da floresta, do fogo. O Sol que aquece e fecunda a Terra, a Lua e as estrellas que brilham na obscuridade da noite, o rio que fornece bons peixes, as plantas que proporcionam saborosos fructos, todos esses elementos da natureza dos quaes se pode tirar algum proveito, são os *espiritos bons* que merecem adoração e respeito, ao contrario da tempestade, do raio, do trovão, dos ventos (maus espiritos) que derrubam as arvores da floresta, que incutem o estremecimento e o terror. Tudo o que não se comprehende, tudo o que não se explica, tudo o que se teme e não se pode domar, constitue uma força mysteriosa ante a qual forçoso é reconhecer a impotencia propria e a necessidade de a propiciar com o esconjuro ou a supplica. D'ahi as formas diversas da superstição primitiva, animismo, feiticismo, idolatria, com todas as consequentes cerimonias das invocações aplacatorias, dos sacrificios, etc.

O culto do Sol e das estrellas, a adoração dos objectos, dos animaes e das plantas, é a unica forma religiosa que existe entre os selvagens. A ideia de Deus, do Diabo, duma força creadora e regedora do mundo, duma vida futura, dum lugar de recompensas e de castigos, é-lhes inteiramente desconhecida. Os negros da Guiné não adoram outros idolos senão arvores, rios, crocodilos e serpentes. Os *indios* do Oregon (America do Norte) não têm noção alguma dum sêr supremo, e em vão os missionarios catholicos tentaram fazer-lhes comprehender a ideia duma divindade. Os *caloches*, outra tribu norte-americana, adoram um corvo. O tenente inglez Hooper refere que os *tuscos* da raça mongolica, que vivem a nordeste do continente asiatico, não têm ideia dum poder divino, dum governo espiritual e superior do universo, nem se sabe se adoram alguma coisa. Os *bugres* e os *coroados* do Brasil não têm religião de especie alguma e não sentem necessidade alguma disso. Os indigenas da Oceania, quando procuram catechiza-los, falando-lhes dum Creador e duma vida futura, põem-se a rir, conforme narra Hasskarl, e vão-se embora. Os *bechuanes* (uma das mais intelligentes tribus da Africa Meridional) ignoram o que seja um sêr supremo e na sua lingua não têm uma só palavra que a elle se refira. «Quando lhes falava, diz o missionario Maffat, da nossa religião, pareciam ouvir coisas tão fabulosas, ridiculas e insensatas, que lhes parecia impossivel tivessem saido da minha boca». Oppermann affirma que o unico deus dos *cafres* é o chefe da sua tribu. As inoffensivas tribus dos *hottentotes* não têm culto algum. Os *pelles-vermelhas*, affirma Paulo Kane, crêem só no Grande Espirito, mas não lhe consagram culto. Narra Randall que os indigenas de Kingsmill (Micronesia meridional) adoravam antes certos espiritos; mas desde que foram dizimados por uma epidemia, deixaram de ter confiança nelles. A unica religião dos selvagens de Nova Granada é um grande amor á liberdade. Só quando ruge a tempestade, accendem grandes fogueiras e prorompem em gritos espantosos, como se quisessem oppor estrondo a estrondo e relampago a relampago. As tribus de Passumah Labar (Samatra) não conhecem Deus nem outras superstições religiosas. Segundo Ladislau Mayar, os negros de Ukaniama (Africa meridional) têm um só deus: o seu rei, ao qual sacrificam homens e animaes para o tornarem amigo.

Poderiamos ainda continuar por um bocado a amontoar citações analogas, mas as que fornecemos são já tão abundantes e de tão incontestavel valor que nos parecem mais do que sufficientes para provar que «a ideia dum Deus innata no cerebro dos povos primitivos» não passa duma das muitas mentiras descaradas da Igreja. O homem primitivo, o selvagem que não teve contacto algum com a civilização, com missionarios catechizadores, etc., não possue outras ideias que não sejam as correspondentes ás impressões recebidas dos objectos e das coisas do mundo exterior.

ORESTE RISTORI.

Exasperação de um catholico



— **Contra essas ideias diabolicas, só a fogueira, a fogueira . . .**

DEUS

Os broncos mandriões de esqualida batina,
sob as ordens feraes do papa nauseabuundo,
exhalando o perfume acerbo da sentina,
andam a propalar, em *discursos de fundo*,

a existencia de um ser supremo que domina,
ente governador dos desejos do mundo,
synthese da bondade e que nos esconjura
com infernos crueis e demus iracundo.

Vós todos paspalhões convictos dessa ideia,
vós carolas servis, sem minima indulgencia,
discordando do filho astuto da Judéa,

do pretenso Rabbi, tão milagroso e triste,
altissimo bradai, unidos á sciencia:
— Deus, ó padres senis e parvos, não existe.

RHADAMANTO.



Protesto contra os anticlericaes

E' uma tendencia natural da psyche humana — a de observar as coisas e os sêres, pô-los uns ante os outros, compara-los, notar os caracteres que lhes são communs e os que lhes são proprios: das especies, das raças, classes e individuos.

Assim, obedecendo a essa lei, os anticlericaes, vêem-se levados a comparar o inimigo delles — o padre — a todas as coisas, a todos os objectos, a todos os sêres que têm um ponto particular, o menor p nto analogo com esse monstro do terror que se pretende ani quilar para sempre. E apenas resalta uma vaga semelhança, um pequeno ponto de analogia, num cont onto superficial entre o padre e o sêr com o qual é comparado já, successivamente, conforme a especie do sêr que lhe serve de confronto, se chama ao padre porco, burro, urubú, etc.

Nenhuma é tão injusta como a comparação do padre com animaes!

E' que, felizmente, não ha sobre a terra fera tão infeliz, um animal tão desgraçado que possa ser comparado com esse ser pernicioso e nojento que Ristori definiu: *la bestia più feroce che disonora l'umanità*. Nem com o porco, nem com o burro, nem com o urubú — com os quaes quasi sempre se compara — o padre tem a menor semelhança.

O porco vive na lama, é verdade, mas não prejudica ninguem. O trabalho que custa a quem o cria é compensado pelo toucinho, pela carne e pelo presunto que todos saboreamos. O porco não tem nenhuma das pessimas qualidades moraes do padre visto não ter intelligencia. Não commette actos contra a natureza — como os padres — de onanismo e pederastia. Não se intromette na vida publica nem privada, senão para dar-nos costelletas, gordura, alimento.

O p dre vive na lama propria. E a lama que elle produz emporcalha e prejudica toda o humanidade. Faz os outros trabalharem para o sustentar, mas o seu toucinho e a sua carne são nojentos, ninguem os come, nem sequer aproveitam aos urubús. Tem intelligencia, que falta ao porco, com a grande differença deste conservar-se casto e aquelle fingir se-lo, estuprando menores e seduzindo casadas, servindo-se de homens e de meninos para a sua lubricidade, o que não é natural. E sempre que se mette na vida publica ou privada é para comer, é para arruinar os outros. «Chamar ao padre porco é deshonrar o porco», disse Gigi Damiani, com acerto. O *padre* não é o *porco*! Coitado do porco!...

Será urubú? Nem por sonhos!

O urubú tem a liberdade de passear pelas regiões aereas onde o padre nunca sonhou metter o nariz: vai a alturas donde, se a ellas elevassem o padre, este cairia como um ovo podre. O urubú devora todo o defunto que encontra livrando-nos de muitas doenças, e o padre prohibe que se queimem os cadaveres — o que é um mal para a hygiene publica. Seria como o urubú, se elle tivesse a utilidade de devorar os cadaveres; mas o que elle devora são os seus bens, o que o urubú nunca fez. Por isso não se deve «deshonrar» o urubú applicando o seu nome ao padre.

Nem com o burro o padre se parece.

O burro trabalha para manter os outros, carrega sobre si o patrão. Ao burro só é semelhante o operariado. Mas o padre não é burro; ensina os outros a se-lo. Assim, não trabalha, vive e vai montando.

O burro tem uma moral muito pura e porisso não tem cousa alguma de commum com esse bicho incomparavel — o padre.

Esses monstros reduziram a humanidade ao maior idiotismo, á maior abjecção moral. Fazem a humanidade ajoelhar diante dum pedaço de barro mal trabalhado, fazem-lhe crer que todos daquelles pedaços de barro mal pintados sejam seus superiores, os quaes têm o poder de curar todas as doenças, dar a felicidade a quem entendem. Não ha um espectaculo mais degradante do que ver um ser racional descobrir a cabeça ao passar diante duma casa onde não habita ninguem, uma casa que não passa de um negocio de feitiçaria onde se explora a mais grotesca crendice do povo bocca-aberta, *caça-moscas*.

E, assim, vemos a humanidade, apesar da sua intelligencia, muito abaixo dos animaes que costuma chamar inferiores.

Será parecido com um reptil? — Não! Esse animal é muito nobre em comparação com esse cumulo de criminalidade que se chama padre. O reptil tem a sua peçonha, mas — semelhante a um homem que precisando passar entre feras vai armado — só faz uso della para a defesa propria. Mas no padre não é a necessidade de defesa que o faz lançar mão do veneno que é, quasi, a sua razão de ser: é a grande vontade de envenenar todo o mundo, a grande vontade de ver toda a humanidade envenenada, que o leva a superar todos os animaes da terra em maldade, em malvadez, em hypocrisia.

Porque não pode ser motivo de orgulho o facto de se crer inferior a uma pedra, a um papel sujo de tinta, ou um pedaço de madeira feito em cruz, pregado na parede.

O padre é o divinizador do patrão, accumulador da riqueza de quem trabalha e soffre.

E' o divinizador da autoridade — natureza da oppressão do homem sobre o homem,

E' o creador da mentira — mãi da injustiça e do erro. E' a personificação do mal.

Com que se parece o padre?

O concurso da *Lanterna* o dirá...

LUCAS MASCOLO.

Aos assignantes

Estamos procedendo á cobrança nesta capital.

Contamos com a coadjuvação de nossos assignantes que assim favorecerão a imprensa liberal, a unica em condições de combater a intolerancia religiosa e o fanatismo deleterio e dissolvente.

Pedimos aos nossos assignantes o favor de, caso estejam ausentes de casa habitualmente, darem a uma pessoa da familia ordem de pagamento quando se apresentar o nosso cobrador, evitando-nos assim grande perda de tempo.

A conquista clerical de Campinas

II

A instituição do bispado — Como foi formado o seu patrimonio — Uma Camara Municipal modelo — Coisas incriveis — O polvo clerical.

A instituição do bispado, em 1907, fez passar sobre Campinas como que um vento de loucura. O terreno estava já magnificamente preparado, e quando o bom povo soube que ia ter a ineffavel ventura de possuir um pastor mitrado da igreja, pareceu disposto a enlouquecer.

Era, porém, necessario formar para o projectado bispado um patrimonio conveniente, porque se Christo andava a pé e S. Paulo fazia a sua propaganda vivendo do officio de tecelão, os pastores, mitrados ou não, de Santa Madre Igreja não ouvem dêsse ouvido e querem, além do pão quotidiano citado no padre-nosso, um abundante conducto. Para constituir o patrimonio abriu-se uma subscripção que rendeu cêrca de 200 contos. E a este proposito nada haveria que dizer, salvo para lastimar os ingenuos que deram o seu dinheiro para tão pouco util empresa, se na subscripção destinada ao patrimonio episcopal não figurasse tambem a Camara Municipal com uma quota de 70 contos, isto é, mais de um terço da somma total.

Ora é certo que os crentes são liberrimos de ficar até em camisa para revestir sumptuosamente o bispo, se é do seu dinheiro que dispõe; mas tambem é certo que no regimen de separação da Igreja do Estado vigente no Brasil, uma Camara Municipal que dá dinheiro de presente ao ministro dum culto, seja elle qual for, commette um abuso e uma usurpação. Os fundos municipaes são constituidos pelas contribuições de todos os cidadãos, e é absurdo que as taxas pagas pelo atheu, pelo positivista, pelo protestante, pelo hebreu, pelo musulmano sirvam, em pequena parte que seja, para fazer uma commoda almofada para as reverendissimas nadegas dum bispo catholico.

Mas a Camara Municipal de Campinas não se afflige por tão pouco e em certas ninharias nem repara: *De minimis non curat practor*. Toda contente por ter o prelado em casa e cheia de catholica fé, a Camara Municipal de Campinas cuida apenas de se pôr ao serviço do bispado, zombando solemnemente da constituição e dos direitos dos cidadãos.

Bastará dizer que illegal e escandalosamente isentou de impostos a habitação episcopal; e que levou a sua intemperança confessional ao ponto de vedar, com enorme e inqualificavel abuso, a venda de carne e a circulação dos vehiculos durante os quatro ultimos dias que precedem a pascoa, com excepção sómente para a carruagem episcopal, a unica que podia rodar, emquanto estavam parados bondes, carros publicos e particulares, carroças e até os carrinhos da hortaliça e do leito!

Doce terra! Por este andar, ainda poderemos ver — em republica leiga, sendo constitucional a separação entre a Igreja e o Estado — o que se via na Italia sob os extinctos governos austriacos e papalinos: á hora da missa, a policia intimará os cidadãos que encontrar pela rua a ir: *para casa ou para a igreja*.

Não se pense que isto está muito longe. Já agora succede que, se um cidadão entre na igreja e — mantendo embra uma attitude correcta — não quer curvar-se a todas as genuflexões e ás outras palhaçadas do rito catholico, os padres reclamam e obtêm a intervenção da força publica para o obrigar a isso.

Parecem coisas incriveis, mas são verdadeiras e acontecem, não no sertão, mas ás portas de S. Paulo, numa cidade das mais importantes do Estado.

Tudo isto prova que o polvo clerical é terrivelmente invasor e está sempre disposto a reabsorver com os seus mil tentaculos e as suas cem mil ventosas todas as conquistas da civilização, mal se tolere a sua presença.

Campinas é hoje monopolizada pelos padres! Em Campinas respira-se ar de sacristia! Tudo é servo do bispado, naquella cidade: poderes publicos, imprensa, escolas e associações, institutos de beneficencia. Resta unicamente proclamar o bispo, o qual já se firma — oh! humildade catholica! — *conde do sacro imperio romano*, tambem senhor feudal de Campinas, para fazer a coisa mais completa.

Em Araraquara



O proprietario do balcão mais rendoso de Araraquara . . .



2.º CONCURSO DA LANTERNA

Os leitores da *Lanterna* entraram em grande numero no nosso primeiro concurso, respondendo á pergunta: *Para que serve o padre?*

Esperamos que recebam com o mesmo enthusiasmo o segundo concurso, que hoje abrimos, começando a publicar desde o numero 31, de 14 de maio, as respostas que nos forem enviadas até áquelle data — sendo acceitas tambem as que nos vierem dos Estados não vizinhos, se a data da remessa for anterior a junho.

Trata-se de dar uma resposta laconica e acertada á seguinte pergunta:

Com que se parece o padre?

Os nossos leitores deverão procurar, no mundo real ou imaginario, na natureza viva ou inanimada, nas creações da poesia e da fabula, no dominio das abstracções, onde quiserem, em summa, um objecto, um ser, um bicho, um ente fantastico, seja o que for, que se pareça com o padre, e dar em breves palavras as razões da semelhança.

Trata-se de buscar uma imagem, uma analogia, um termo de comparação justo e bem achado, sem exclusão, porém, dos confrontos já conhecidos, desde que sejam formulados nas condições aqui estabelecidas.

E dessas condições, a principal é a brevidade. Nenhuma resposta será publicada, *se exceder dez linhas* das nossas columnas.

Terminada a publicação das respostas, serão ellas entregues

JOSE MARTINS (7)

AS IMPIEDADES DOS PIOS

E

As piedades dos Impios

Definição das palavras "Pio" e "Impio"

O DECALOGO

III

catholica, por bocca de seus comparsas, os Jesuitas (1). Quem amaldiçoa actualmente os livres pensadores, a razão e a liberdade? A Igreja catholica, essa prostituta sem vergonha, refugio de todos os assassinos e ladrões, cujos crimes perdôa a troco dum punhado de ouro!

* * *

O chistianismo ainda esperava pelo edito de Constantino (311), que o havia de tornar alliado do imperio na exploração dos povos, e já celebrava concilio,s nos quaes ficavam determinadas a guerra e a perseguição a todos os povos que não fossem catholicos.

Dentre estes, merece especial menção o Judeu, por ter sido o mass cruelmente perseguido pelos assassinos catholicos.

Um concilio celebrado em Illiberes (Hespanha, annos 300-301) prohibiu a toda e qualquer pessôa, padre ou fiel, que tivesse relações algumas com Judeus, sob pena de excommunhão.

Em 620, Sisebuto, rei de Hespanha. ordena, por um decreto, que todos os israelitas domiciliados no reino abraçassem a religião catholica, sob pena de expulsão, em caso contrario.

Muitos recusam fazer-se christãos á força e são atrozmente suppliciados: arrancam-lhes os cabellos da cabeça, esfolam-nos vivos, açoutam-nos publicamente e confiscam-lhes os bens.

Os padres do 6.º concilio de Toledo (633), decidiram, entre outras coisas, que os filhos dos Judeus deveriam ser arrancados aos pais para serem educados na religião catholica.

Outro concilio (637) declarou que a nenhum rei se lhe daria possessão do throno sem que antes jurasse solemnemente não favorecer os Judeus nem permittir a pessoa alguma, que não fosse christão, viver livremente no reino.

Tudo isso, porém, não era nada comparado com as terriveis humilhações que esperavam aos Judeus.

Quando correu voz na Europa (principio do seculo XI) que o Sepulchro de Christo, em Jerusalem, tinha sido destruido, os "piedosos" christãos de toda a Europa indignaram-se profundamente contra tal sacrilegio, e, na falta doutros, accusaram os Judeus como os principaes instigadores dessa profanação.

Convem notar que os Judeus eram immensamente ricos; e isso foi o que excitou o "piedoso" zelo dos christãos, que logo se deram pressa em persegui-los, assassina-los em massa, saquear-lhes as casas e entrega-las em seguida ao incendio.

"Só na França, diz um historiador, os assassinatos passaram de 100 mil.

Durante toda a idade-media — continua o mesmo autor —... aquelles christãos fanaticos e ignorantes, que só sabiam ser frades ou soldados, quando não as duas coisas ao mesmo tempo, não fizeram outra coisa mais do que expulsar e chamar alternativamente os Judeus, fazendo-lhes pagar por alto preço até o proprio ar que respiravam.» (1)

Em Tolosa, no seculo XI, o clero atiçava o fanatismo da plebe contra os Judeus, induzindo-a á matança, á pilhagem e ao roubo, parte do qual usufruia.

Entre as humilhações por que os faziam passar, conta-se a de postar um em cada porta de Igreja, no domingo de Pascoa, para que todo o catholico que entrasse lhe desse uma bofetada.

A ser isto verdade, como o affirmam Cantú e outros historiadores de universal autoridade, que qualificativo merecia o infamissimo procedemento dos catholicos?!

Em quanto isso acontecia na França, na Hepanha não eram mais bem tratados pelos «piedosos» catholicos. Assim, em Toledo (agosto de 1108), os christãos levantam-se em massa contra os israelitas, invadem-lhes as casas e começa o morticinio acompanhado do saque; os catholicos não respeitam sexo nem idade: homens, mulheres e crianças, ainda mamando, todos, caem sob o punhal homicida dos «piedosos» filhos de Deus; as violencias ás mulheres casadas e os estupros das donzellas, unidos a outros numerosos estupros de crianças dos dois sexos, fazem um horrivel cortejo ao incendio!

Oh! singular «piedade», a dos catholicos, que bem os distingue e ainda melhor os honra!

"Os israelitas que puderam fugir aquellas sangrentas scenas — continúa o historiador Castilha — tentaram desarmar o *zelo* dos catholicos, dando-lhes *dinheiro*; mas estes, com uma das mãos *recebiam o ouro* e com a outra afiavam os punhaes com que deviam assassina-los." (1)

«Os *assises* da Bretanha, de 1239, diz Cantú (Hist. Univ., tomo IX, pag. 203), não admittiam procedimento contra o matador de um Judeu. Isto quer dizer simplesmente que a populaça podia matar e roubar Judeus sem que nada lhe acontecesse.

Os reis tambem pactuaram com a escoria catholica contra os Judeus. Philippe Augusto expulsa-os do territorio francez e apodera-se de todas as suas riquezas (1232); Philippe o Bello, o rei falsario, procede de igual modo (1311); Philippe V segue-lhe o exemplo; e a canalha catholica renova as scenas de Toledo (1348-1350).

João sem Terra, não podendo arrancar-lhes dinheiro pela força, desterra-os da Inglaterra (1210): e Eduardo I persegue-os em massa e em massa manda-os enforcar (1290). Fernando V decreta a sua expulsão do territorio hespanhol (1492) e confisca-lhes os bens, que reparte com o papa Sixto IV e o saguinario Torquemada.

A «piedade» dos catholicos naquelles tempos de *fé* era igual em todos os paizes: por isso que os Judeus foram igualmente tratados em toda a parte onde havia catholicos «piedosos».

Na Allemanha, durante o anno de 1349, os frades penitentes, acompanhados da plebe, enforcam 12 mil israelitas, afóra os que queimam vivos; na Polonia, são trucidados aos milhares (1406); na Bohemia, são exterminados em massa e expulsos (1440); em Portugal, são assassinados 2 mil em dois dias (1506); e na Austria-Hungria, os «piedosos» catholicos já não se contentam com mata-los e rouba-los: — *comem-nos!!!* (1)

(Continúa).

(1) Anonymo, «Maximas immoralidades de los Jesuitas»; Ignacio de Lozoya, «Los Jesuitas»; Cantú, Hist. Univ., vol. XVII, pag. 362; e M Lachatre Hist. dos Pap., tomo III, pag. 396 a 398.

(1) A. T de Castilha, «Hist. de las Persecuciones Religiosas», tomo I, liv. II, pags. 135-136. Barcelona, 1863.

(1) *Obr. cit.* pag. 137.

(1) *Obr. cit.*, pag. 151.

N. da R. — No ultimo numero as duas ultimas colunnas sairam no lugar da 2.ª e 3.ª e estas no lugar daquellas.

---

um jury competente e imparcial, que escolherá as três melhores, as quaes terão direito a premio.

E agora venham as respostas e não esqueçam os nossos amigos a nossa recommendação de laconismo!

3 premios

O primeiro premio é constituido pelo excellente livro de Thomás da Fonseca — SERMÕES DA MONTANHA, que, além duma novidade literaria, é uma das melhores obras de vulgarização e propaganda popular do livre pensamento que conhecemos em lingua portuguesa.

Numa linguagem simples e ao mesmo tempo eloquente, o autor, já bem conhecido nas letras e na propaganda, sobretudo pelo seu livro *Evangelho dum seminarista*, explica a ingenuos montanheses que se reunem para o escutar, um mundo de ideias emancipadoras.

O primeiro classificado terá tambem direito a uma assignatura semestral gratuita da *Lanterna*, a enviar á pessoa que elle nos designar.

O segundo premio é constituido por livros ou opusculos no valor de 3$000, a escolher na *Bibliotheca d'A Lanterna*, que publicamos na quarta pagina.

O terceiro, finalmente, consistirá em 20 cartões postaes illustrados anticlericaes.

—

Em vista do que alguns amigos nossos, nos representaram quanto á demora do correio, acceitamos ainda respostas até ao fim deste mez, vindas do interior ou dos Estados circumvizinhos, e até 1 julho, vindas dos outros Estados.

—

Continuamos a publicação das que já nos chegaram.

Com que se parece o padre?

— Com um palhaço de circo, quando diz missa; com um comico, quando no pulpito; com o corvo, quando passeia; com o rato, no seu modo de vida; com a raposa, na astucia; com Affonso XIII, na perversidade e covardia; com o cevado, nas aspirações; com Nero, para com seus filhos; com um cancro phagedenico, na sua propaganda corrosiva. Em summa, com uma ulcera, a que se deve applicar o bisturi do livre-pensamento. — *Venancio José Guedes.*

— Com o jumento, com uma differença: este traz a albarda sobre o lombo e o outro a traz no peito. — *V. Anotoemi.*

— Com um boneco de borracha: por mais que se comprima e amarfanhe, retomará a sua posição. O padre, invectivado e desmascarado, conserva o riso alvar da inconsciencia; a sua qualidade inalienavel é a elasticidade. — *G. Almeida.*

— Com a víbora: as suas mordeduras não têm cura — *Bueno Hidalgo.*

— Com o reptil venenoso, que com a peçonha mata a victima. Valendo-se do confessionario, envenena e entorpece o cerebro humano. — *Manuel Herrera.*

— Com o abutre, na vontade insaciavel; com o reptil mais nocivo da natureza; com um monstro indescriptivel; com um ser desprezivel e ascoroso. — *Umberto Menegatti*

— Com o chupim, o conhecido passaro negro, desavergonhado vagabundo que corre atrás do tico-tico para que este lhe encha o papo. — *J. Hernández.*

— Com o gafanhoto: este, em bandos, destroe a lavoura, unico braço direito e o principal ganha-pão do pobre. O padre com a mesma facilidade se propaga e devasta as searas do progresso — *J. M. Bueno Sobrinho.*

— O padre se parece com um bicho
Desses que nadam dentro d'agua suja.
O diabo o fez dum p... de coruja
E o virabosta o descobriu no lixo.
Tem instinctos perversos de raposa;
Como os piratas se dedica ao roubo;
Mas é mais parecido com o lobo,
Pela voracidade fabulosa.
E é mais como o chacal, feroz harpia.
Desgraçado de quem nelle se fia!...

Antonio Pastorelli.

— Com a mosca, que esvoaça por toda a parte onde haja um cheiro. — *F. G.*

— Com a sarna: onde ella entra, todos são contagiados. — *Angelo Lopes.*

— Com o seu auxiliar, o sacristão: este apaga a luz dos cirios, aquelle a luz do progresso e da verdade. — *G. B.*

— Com a serpente do Eden: rasteja e seduz. — *Eva.*

— Com o diabo. Não sendo este tão feio... tirem-se lhe os chifres e a cauda e applique-se-lhe a sotaina, a tonsura — eis o padre. Se Deus fez o homem á sua imagem real, o diabo deve ter feito o padre á sua copia fiel E o frade, de cordões e capuz pyramidal na cabeça, inda se parece com o démo, offerecendo ao Senhor «um corno de salvação» no deserto. — *Atomo da Bahia.*



POLEMICA

O nosso collaborador sr. José Martins envia-nos, para ser publicada, a seguinte carta por elle recebida:

Amigo e senhor.

Recebi *A Lanterna* n. 27 e nella vi a carta que v. me dirige.

Para ser-lhe franco, estava pensando não continuar a ter mais longa correspondencia com v.; contudo, não para ficar o vosso inimigo, mas sómente no pensamento de julgar que não tivessemos beneficio mutuo. Todavia em obediencia a mais um impulso de espirito, escrevo ainda a presente.

Não ignoro, meu caro amigo, os horrores que a pobre humanidade tem commettido desde que temos conhecimento della, e estou certissimo que, por muito feia que v. pinte a historia dessa humanidade, não a poderá pintar mais feia do que a propria Biblia pinta.

Eis o que diz a Biblia.

«Pois que? somos nós mais excellentes? de maneira nenhuma, pois já dantes demonstrámos que, tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do peccado:

Como está escripto: Não ha justo, nem ainda um: Não ha ninguem que entenda.

Não ha ninguem que busque a Deus:

Todos se extraviaram, e juntamente e fizeram inuteis. Não ha quem faça o bem, não ha nem um só:

A sua garganta é um sepulcro aberto: com as suas linguas tratam enganosamente: peçonha de aspides está debaixo de seus labios: cuja bocca está cheia de maldição e amargura: Os seus pés são ligeiros para derramar sangue: Em seu caminho ha destruição e miseria: E não conheceram o caminho da paz: Não ha temor de Deus diante de seus olhos.» Romanos 3, v. 9 a 18.

Aqui está o retrato de todo homem.

Quem fez este retrato?

Todos gostam de fazer o seu retrato o mais bonito possivel. Como pode-se crêr que o homem fizesse um tal retrato de si proprio tão feio?

E este retrato que a Biblia apresenta do homem não é sómente o que elle tem sido até aqui mas tambem o que será, até que Deus levante a maldição que peza sobre este mundo, por causa da desobediencia, ou noutras palavras: até que sejam feitos novos ceos e nova terra, onde o mal não entrará.

Creio que já tenho dito muito, deixando de notar que v. não crê em Deus nem na Biblia, porque não lhe pódem provar a existencia delle, ou que Elle creasse tudo. Pois bem.

Ainda que v. não acceite outra coisa, deverá acceitar o que está bem estabelecido mesmo no materialismo, isto é, que não ha effeito sem causa; logo se ha materia é porque alguem a fez, e este alguem é o que reconheço por Deus, ou poder creador, não é uma coisa morta, mas um Ser vivo e a sua causa se explica nestas duas palavras: no «principio Deus.»

Meu caro amigo; fico do lado de Deus, e de modo algum irei nessa corrente materialista. Deus é para mim Senhor e Bemfeitor, embora seja para v. um espantalho!!! Pois fique certo o amigo, que talvez antes de 50 annos teremos chegado a vêr a realidade do que cada um espera.

JOÃO MILLAN.

Aos collaboradores

Alguns escriptos esperam ha algum tempo a sua vez. Os nossos collaboradores terão ainda um pouco de paciencia.

Aproveitamos a occasião para agradecer aos amigos dedicados que nos auxiliam incansavelmente, mandando-nos recortes de jornaes e informações.

«A LANTERNA»

será vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

NA LAPA — *Salão Internacional.*

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 105.

AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37.

ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS — Avenida Celso Garcia, 24.

Salão de Babeiro, Avenida Rangel Pestana, 297.



A CONGRUA

A proposito da separação da igreja do Estado, contaram-me uma anecdota que, *se non é vera é ben trovata.*

Logo depois de promulgado o famoso decreto de janeiro de 1890, o marechal Deodoro foi procurado no Itamaraty por um respeitavel sacerdote, que exercia altas funcções ecclesiasticas e era seu amigo de velha data.

— Que foi isso, marechal? Então separaram a igreja do Estado?

— Assim foi preciso. Essa medida impunha-se ao governo provisorio.

— Mas, diga-me cá, e a congrua?

— A congrua?

— Sim, o governo conserva a congrua?

Deodoro olhou vagarosamente para o seu interlocutor e respondeu sem convicção:

— Conserva

— Conserva?

— Então, não havia de conservar? Conserva, sim senhor.

— Bom.

O padre demorou ainda meia hora na palestra, e por fim despediu-se.

No momento em que ia sair Deodoro deteve-o, dizendo-lhe:

— Oh! padre... Não repare na minha pergunta, mas que coisa é congrua?

— Ora essa... congrua é... (E o sacerdote esfregou o pollegar no index).

— Ah! é o soldo? Não conserva, não senhor. Julguei que congrua fosse outra coisa.

ARTHUR AZEVEDO.

ASSIGNAI! ASSIGNAI!

E' a assignatura, paga adiantadamente, que verdadeiramente sustenta A Lanterna, fornecendo-lhe o melhor combustivel...

Não basta comprar numero por numero: é preciso assignar A Lanterna!

E, se for possivel, angariar-lhe assignaturas!

Está autorizado a proceder á cobrança de assignaturas d' *A Lanterna* no Rio de Janeiro a sr. João Leuenroth.

Contamos com a boa vontade dos nossos amigos e assignantes para o auxiliarem na tareta.

A conquista clerical de Campinas

NO PROXIMO NUMERO: III — *Sociedades catholicas — «Santa Casa» — Lyceu de Artes e Officios — A imprensa — A carreira de um joven catholico.*

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua General Camara, 14

Aviso importante

Todas as quantias enviadas de fora para esta folha devem ser exclusivamente endereçadas ou ao nome do jornal, sem indicação de pessoa, ou a NENO VASCO, largo da Sé, n.º 5.

Pelas quantias diversamente endereçadas não podemos ficar responsaveis.

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Espanha e a obra de Ferrer.

FOLHETIM (30)

Avelino Foscolo

O JUBILEU

X

quando em vez uma nota sobre a obra de arte; mas sentiam não ser aquelle o assumpto maximo preoccupando-os. Ambos tinham necessidade de desafogo e foi o Chagas quem rompeu o silencio.

— Não devemos consumir os poucos dias que nos restam em phrases banaes; os instantes de solidão são raros nesta Babel immensa; preciso confessar que te amo, Carmen.

— Que diz?

—Admiras-te do tratamento, não é verdade? Para que fingir? Estes sentimentos intimos, uma como alma da existencia, se exprimem francamente no olhar, no gesto, em tudo e já se haviam revelado independentes de palavras. Estes momentos são preciosos, deixemos, portanto, as maneiras hypocritas: queres ser minha, Carmen?

—De bom grado: pede-me ao papá.

—Não o posso fazer! — respondeu o Chagas com um vinco de melancolia na fronte.

—Porque?

—Sou... casado!—respondeu.

—Que dizeis?—interrogou Carmen com um mixto de indignação e pavor.

—A verdade. Poderia mentir, talvez, para prolongar estes instantes de felicidade, bem rapidos sem duvida, para que? Tarde ou cedo viria a sabe-lo e a lealdade é o meu guia através da vida. Não vivendo em companhia da mulher a que o destino me ligou, não pude furtar-me ao desejo de te propor uma coisa escandalosa perante os nossos costumes: — Ser minha amante!

—Oh! mas é absurdo!

—Porque? O desejo mutuo de nos unirmos não supre por ventura qualquer forma religiosa ou civil?

—Para nós talvez: mas a sociedade?

—Então faz-se o holocausto da propria felicidade no altar das convenções humanas? Não é maior? Não é livre? Que a detem, então?

—O conhecimento da vida, a noção bem nitida da existencia levada pelos seres transviados das leis sociaes. Se fosse só ao menos... Tenho meu velho pai, sou o seu unico affecto, em mim se encontram as suas esperanças e o golpe de loucura que me aconselha, razoavel, quiçá, em face da razão pura, de vez que nos amamos, seria fulminante para elle. Seguir-te é romper com a amizade paterna, é macular com uma ingratidão o tributo do amor que lhe devo.

—Quem ama veramente não raciocina deste modo.

—Assim será para a ingenua que entra ignorante no mundo, julgando de rosas somente o futuro que o amor lhe traça, sem calcular as urzes do caminho; mas para mim que conheço bem o trama da existencia, seria um crime pensar por outra forma.

—Pois bem! se fosse a teu velho pai e lhe fizesse ver o obstaculo se antepondo á nossa união e se em vez de amante, já que te repugna a palavra, lhe dissesse que querias ser minha mulher perante elle, cederia, quiçá, ao nosso almejo.

—Jamais! Espirito adiantado embora, não tem a sobranceria para romper com preconceitos que o mundo estatuiu. Que quer? a vida é isto. Viemos de pontos oppostos, nos encontramos na estrada, abraçamos-nos e seguimos ambos o itenerario encetado: encontrar-nos-emos ainda e talvez a sorte nos sorria então e seguiremos de braços dados através da existencia. Não me magoa a turvação infiltrada em minha alma porque, soffrendo embora, sei que ha um coração irmão do meu padecemdo tambem. Vamos! um abraço de despedida, não é um adeus, e prosigamos na mesma linha trilhada.

Elles se enlaçaram, então, ali, em face do Christo que perdoara a Magdalena por haver amado muito; o Chagas osculou-a mesmo nos labios sem que de seu peito partisse um protesto e, com uma noite mais negra do que a que se tecia lá fora, com um novo abysmo no coração, sairam ao encontro de Laura — a mulher feliz, quiçá, porque não tinha preconceitos a lhe obstacularem a estrada do gozo.

XI

O bacharel continuava perseguido pelo azar na jogatina a que se entregara. Após a decepção dolorosa a seu orgulho com a recusa formal de Carmen ás suas propostas, o Sena se despenhou no jogo esperando naquelle vicio, infiltrado no organismo, matar o primeiro amor resurgindo vivaz das cinzas de outras paixões á presença subita do idolo de antanho. Fora ainda infeliz na banca. Volveu ao hotel em busca de dinheiro; revolveu tudo, na ausencia de Laura e deparou, para mais lhe infernar a existencia, num bolso do paletot della um bilhete assignado por um desconhecido, um amante de acaso, pedindo uma entrevista amorosa para aquella noite.

Fora bofetada em pleno rosto, um golpe agudo no coração. Era feroz o destino! Tudo lhe roubara: até o amor daquella esposa deparada na estrada da fortuna e quasi olvidada já, mas a quem se sentia preso pelo orgulho de posse que não abdicara jamais.

Castellou mil vinganças; apalpou as vestes em busca do revolver e encontrou, então, as chaves da canastra no bolso. O seu pensamento tombou do ciume assassino á paixão predominante nelle —o jogo. Com esperança traduzindo-se no semblante em alegria, contrastando bem com o rancor de ainda ha pouco, abriu uma das canastras. Com gesto receioso e afadigado de gatuno, revolveu os recantos do movel, estouvadamente, até deparar com o dinheiro. Tirou-o todo, levou mesmo comsigo uma medalha de brilhantes de Laura e saiu ás pressas, esquecido quasi do criminoso bilhete, preoccupado pela ambição desmesurada de riqueza que o arremessara sempre em busca de boas cartadas e crente agora que iria arrebentar a banca lá em baixo, na feira aberta a todos os vicios.

Penetrou de novo no formigueiro immenso da multidão anonyma embuçando no manto hypocrita da fé a sanie do crime. Deslisou sem ver, indifferente, por entre as cortezãs interceptando-lhe a passagem com gestos convidativos de deboche e abeirou-se da tavola onde se lhe esgotaram á tarde os ultimos recursos.

Ali se espectaculara a nudez de uma meretriz e vira, tambem, o assombro inesperado do Chagas. Dirigiu-se para o recinto quando um «cabreiro» o chamou:

—Olhe cá, seu doutor, um negociozinho em segredo, entre nós.

—Que é?

—Umas sortes que tenho aqui preparadas; dou-lh'as por uma pelega de vinte e mais uma lambujezinha se bifar bastante cheta.

O Sena avincou o senho num gesto de rancor e orgulho offendido.

—Não tem razão de se alterar; ahi todos fazem disto: é melhor ser gato do que rato.

—Tem razão, talvez! E porque não se aproveita da patota?

—Estou numa „disga" dos tre-

(Continúa).



"A Lanterna" em S. Roque

Um padre, que um dia destes prègava no pulpito da igreja de S. Roque, disse aos basbaques que ali se achavam que, em Mayrink, foi realizada uma festa em beneficio da Escola Moderna, perigosa obra do Demonio, em consequencia do que acabaria o mundo na dia 18 do corrente, por occasião da passagem do cometa Halley.

Disse elle depois que no dia 23 de junho o bispo chegará áquella localidade, afim de ministrar o sacratissimo chrisma, etc., acompanhado, já se sabe, dos competentes 2$ por cabeça...

Esta é de bom tamanho! O fim do mundo para o dia 18 e a vinda do bispo para23 de junho!... Que refinadissimo farçante!

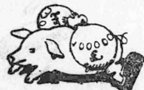
Salvo o caso que só escapassem do cataclysma os bons padres, que ficariam explorando-se mutuamente ou alimentando-se com os corpos uns dos outros, porque não ficaria quem trabalhasse para elles, e trabalhar é coisa que os castos e puros ministros do Senhor não querem fazer.

A Escola Moderna dá que pensar aos homens de cara rapada e de zero no alto da synagoga... Elles temem na porque ella se baseia sobre a razão e a logica, ensina segundo as leis da natureza, arranca os cerebros frageis do embrutecimento, em quanto elles, os mensageiros do mal procuram manter o povo no ignorancia, embrutecendo-o pelo terror de um inferno imaginario, dizendo, como bons discipulos de Christo: "venham a nós os vossos cobres, que o ceu vos pertence, caso contrario as chammas eternas."

E' agora a Escola Moderna o seu grande fantasma, mas, é mais acertado que a deixem seguir o seu rumo; a E. M. não lhes deve nada, nada lhes pediu, e, contra toda a sua furia, hade ser fundada, custe o custar. Nós todos, os sinceros amantes da verdade, havemos de lhe prestar todo o nosso apoio. Podeis, pois, maldizer, excommungar, etc., que não nos encommada!

Mayrink 4, maio, 910.

FIRMINO A. DA CUNHA.



Os bens das congregações

Do *Estado de S. Paulo*, de 5:

Voltou-se o feitiço contra o feiticeiro. Quizeram os reaccionarios explorar contra a republica o escandalo da liquidação dos bens das congregações. Os liquidatarios, que praticaram „escroqueries", e fizeram trapaças, procederiam, de accordo com o governo! Portanto, o governo da Republica era uma quadrilha.

Quiz, porém, o diabo que tudo se descobrisse e, assim, apura-se que as liquidações se faziam por baixo preço, e muitas vezes sem concorrentes, porque os liquidatarios estavam entendidos com... os congreganistas!

As folhas clericaes que a principio gritavam contra a Republica, e do escandalo queriam fazer uma arma eleitoral, começaram a afrouxar na campanha. E' que as settas se voltaram em gre has, e o que servira de pretexto para combater a Republica passou a ser, nas mãos dos republicanos, uma arma formidavel contra os reaccionarios. Os bens das congregações eram vendidos por baixo preço aos amigos... e esses amigos eram os proprios congreganistas.

Em casa da amante de um dos liquidatarios, mme. Gauthier, rue Antoine Chatin, 10, foram encontradas fórmulas de contratos, para a fundação de uma empresa intitulada "União Predial de França„, para explorar os bens das congregações, de accordo com elles proprios.

No artigo quarto do contrato diz-se que alguns dos estabelecimentos adquiridos seriam transformados em casas de saude, de convalescença ou de repouso, com o fim de nellas serem empregados os antigos religiosos ou religiosas, sempre que fosse possivel faze-lo, legal ou praticamente.

As coisas ficavam arranjadas, segundo o artigo terceiro do contrato, de maneira que cada membro da "União Predial" tivesse "a faculdade de se interessar pelo negocio antes do publico, em condições nitidamente determinadas, com um objectivo preciso, e depois de um estudo profundo feito pelo "comité".

Bilhetes e recados

Campinas — Pinho: Ainda perguntas?! Tomamos nota do endereço. O Neno e os seus estão bons. Todos cá da capella te enviam as suas benções sagradas... — J. R. Braga: Recebemos o que nos enviou. Agradecemos e esperamos o que nos promette.

Nictheroy — F. Dias: Recebemos o vale. Vamos mandar o *Celibato*. Seguiram os recibos. Transmittimos o recado á *Terra*. E' bom nos communicares se não foram attendidas algumas das tuas *ordens*. Saúde!

Ibitinga — Z. Bartolomasi: Agradecemos a lista. Na nossa typographia infelizmente não é possivel. No proximo numero nos occuparemos do caso Vamos enviar o seulivro. Saudações.

Cordeiro — J. Hernandez: Enviamos a lista e os jornaes. Saudações.

Rio — M. Domingues: Recebemos o artigo, que será publicado. Vamos enviar o premio. Saúde! — A. Frederico: Recemos os versos. Foram ao *juiz competente*, que dará a sua sentença. — Manuel: Mandaremos o *Celibato*. Tomamos nota das alterações. O jornal é remettido pontualmente.

Atibaia — S.: Trataremos do assumpto no proximo numero. Os jornaes serão enviados. Saudações.

Taquaritinga — Lucindo Barroso: Cemeçou em 13—3—910 e termina em 13—9—910. Saudações.

Porto Alegre — Agenor Menezes: Agradecemos os jornaes. Saudações.

Franca — Manuel Pereira: Não recebemos a carta de que nos falou.

"A Lanterna" em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem desejar assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60.

Os nossos representantes

São nossos agentes, fóra desta cidade, os seguintes amigos:

Ribeirão Preto, sr. José Selles, rua Amador Bueno n. 41.

Franca, sr. Innocencio Selles.

Santos, sr. Luiz Bezzi, rua Martim Affonso, 16.

Rio de Janeiro, srs. Manuel Moscoso, João Leuenroth, rua Hospicio, 166.

Nictheroy, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.

S. Roque, sr. Credo Negrelli.

Dobrada e lugares circumvizinhos, sr. Pedro Sermi Rossi.

Porto Alegre, sr. Polydoro Santos, rua Conçeição, 22.

Villa Americana e Rebouças, sr. Lucio Sandoval.

S. Vicente, sr. Miguel Barcala.

Rincão, *Pontal*, *Pitangueira* e ramal de *Mogy-Guassú*, sr. Francisco de Almeida Ramalho.

Atibaia, dr. Olympio Paixão.

Jardinopolis, sr. João Zucchi.

Salto de Itú, sr. Scipione Del Moro.

Araraquara, sr. Ferdinando Scalamandre.

Jundiahy, sr. Antonio Martinelli, rua Cel. Moraes, 2.

Baurú, sr. José Martinho.

Uberaba, sr. Cirio Palmaeston.

EM JARDINOPOLIS

Estão convidados todos os assignantes dos jornaes *La Battaglia*, *A Lanterna*, *Il Pungolo*, *La Scure* e *a Terra livre* para uma reunião que se effectuará no dia 22 do corrente, no salão da Sociedade Italiana de Soccorros Mutuos (gentilmente cedido), ás 4 horas da tarde, para tratar da constituição de um centro anticlerical.

Este centro terá por fim congregar todos os elementos liberaes de Jardinopolis, procurando que as victorias passadas sirvam de estimulo para novas lutas a sustentar contra o perigo negro.

Desejando fazer importantes communicações e delinear bem os fins do centro, contamos com a presença de todos as pessoas animadas de sentimentos liberaes.

Pelo Comité — TACCHI, SUPRANI, TAVARES, ZUCCHI.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166.

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;
Na rua Visconde de Sapucahy;
Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);
THEATRO S. PEDRO, á praça Tiradentes;
RUA DO OUVIDOR, na agencia do sr. Braz Lauria.

EXPEDIENTE

A todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales, e tudo quanto concerne á administração, pedimos o favor de endereçarem a correspondencia á LANTERNA a **NENO VASCO**.

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado).

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de, quando fizerem encommendas aos nossos annunciantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontraram a *réclame*.

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nos é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lanterna*, na secção *Bilhetes e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

O Celibato

Este livro, cujo preço marcado é de 3$000, está á venda em nossa redacção ao preço de 2$000, sendo offerecido como premio gratuito a todos os nossos assignantes annuaes que o escolherem, pagando a sua assignatura directamente a esta administração, sem nenhuma despesa de cobrança ou deducção de gastos de remessa.

Bilhetes postaes

Temos á disposição dos leitores novos bilhetes postaes illustrados anti-clericaes, oito desenhos differentes, edição do nosso collega *O Livre Pensador*, aos seguintes preços:

Duzia.	1$000
Um exemplar . .	100

Numeros atrasados

De novo lembramos aos amigos, que se interessam pela propaganda das nossas ideias e d' *A Lanterna*, que temos á sua disposição, grati, certa quantidade de numeros atrasados—que podem servir para distribuição gratuita em dias de festa, reuniões, ajuntamentos, comicios, na semana santa, ou mesmo em dias normaes.

Quem desejar receber pacotes de propaganda, escreva nos um simples postal.

Viagem de cobrança

O sr. Annibal Pace está percorrendo a linha Paulista.

Aos nossos assignantes e a todos os nossos correligionarios, residentes nessa linha pedimos boa vontade em auxiliarem a tarefa do nosso companheiro, que não poderá demorar-se muito, naturalmente, em cada localidade.

A existencia deste jornal de ideias, depende dum pequeno esforço em seu favor por parte de cada um dos seus leitores e dos que o consideram util.

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3$000.

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.
Assignatura annual: 5$000.

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.
Assignatura annual: 2$000.

A Vida

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: 1$500.

Internacia Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.
Assignatura annual: 2$500.

A venda nesta redacção:

O Clarão

Publicação eventual racionalista— Porto. — Cada exemplar: 100 reis.

Les Hommes du Jour

Interessantissima publicação illustrada semanal de biographias e critica social, literaria e artistica.
Collaboradores artisticos: A. Delannoy, M. Robin, Hermann-Paul, etc.
Redactor em chefe: Victor Méric.
Assignatura annual: 6$000.

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

Eliseu Reclus, *Evolução e Revolução*. . . .	1$500
Gorki, *Os amassadores* .	$200
Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho* . . .	$200
Nieuwenhuis, *A mulher e o Militarismo* . . .	$100
J. Most, *A Peste religiosa*	$100
Motta Assumpção, *O Infanticidio, drama*. .	$300

EM HESPANHOL

M. Rey, *Donde está Diòs?*	$100
R. Chaughi, *Immoralidad del Matrimonio* . . .	$100
La Mujer Esclava.	$100
J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*.	$100
Frank Sutor, *Generacièn conseiente*.	$400
M. Devaldès, *Mathusianismo y Neo-Mathusianismo*	$100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independendencia*	$100
A. Pellicer Paraire, *El individuo y la masa* .	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
S. Faure, *El Problema de la Poblaciòn*. . . .	$100
L. Bulfi, *Huelga de Vientres*	$100
A. Hamon, *Compendio de la Historia del Socialismo*	$200
P. Robin. *La Mujer Publica*	$100
J. Grave, *Tierra libre* (fantasia).	2$000

Aos amigos

O melhor meio de auxiliar a *Lanterna* é assigna-la e arranjar-lhe assignantes. A assignatura é mais cara; mas é um concurso de amigo.

Ribeirâo Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se *A Lanterna* a 200 réis o numero avulso.